

A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada

The narrative interview as an instrument in the investigation of social phenomena in Applied Linguistics

Neiva Cristina da Silva Rego RAVAGNOLI (PUC-SP)¹

RESUMO

Este artigo, recorte de minha tese de doutoramento, discorre sobre as formas de elaborar, conduzir e analisar entrevistas narrativas, conforme proposta por Schütze (1992a; 1992b) e Jovchelovitch e Bauer (2000) e discute sua potencialidade como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. Sua principal característica é a não interferência do pesquisador, que desenvolve a entrevista sob a premissa de oferecer total liberdade aos entrevistados para contar suas próprias histórias, no nível de enredamento em que as percebem. Tal característica vai ao encontro dos pressupostos da Linguística Aplicada que, em busca de compreender uma determinada realidade social, prima pela legitimidade de procedimentos de pesquisa que, na e pela linguagem, chegue o mais próximo possível da realidade manifestada pelo entrevistado, indivíduo inserido na realidade social focalizada pela pesquisa e, portanto, capaz de (re)construir essa realidade, modificá-la, influenciá-la e sofrer influência de sua conformação.

Palavras-Chave: Entrevista narrativa, Linguística Aplicada

ABSTRACT

This paper, part of my doctoral dissertation, addresses the way to design, conduct and analyze a narrative interview as presented by Schütze (1992a; 1992b) and Jovchelovitch and Bauer (2000); and discusses its potential as an instrument in the investigation of social phenomena in Applied Linguistics. Its main feature is the non-interference of the interviewer, who carries the interview under the premise of giving the interviewees the utmost amount of freedom of coming out with their own story according to the level of complexity in which they are perceived. Such characteristic meets the Applied Linguistics assumptions which in seeking to understand a particular social reality, excel the legitimacy of research procedures that, in and through the language, gets as close as possible to the perceived reality of the interviewees - individuals who belong to even focused social context and therefore, they are liable to (re) build such reality, modify it, influence it and be influenced by its conformation.

Keywords: Narrative Interview, Applied Linguistics

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. Grupo de pesquisa sobre a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (LAEL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3879-9941>; nravagnoli@gmail.com

1. Introdução

A entrevista narrativa é um instrumento de investigação elaborado na Alemanha, na década de 80, por Fritz Schütze (1992a; 1992b), que acreditava que os procedimentos qualitativos de pesquisa então vigentes não davam conta de representar, fidedignamente, os fenômenos sociais investigados, devido à rigidez imposta por seus instrumentos, os quais direcionavam e cerceavam as respostas dos participantes e, conseqüentemente, restringiam suas manifestações. Segundo Maindock (1996 *apud* WELLER, 2009), Schütze desenvolveu esse modelo de entrevista não estruturada, na qual a referência de resposta emerge do próprio entrevistado e não das questões de pesquisa, em busca de compreender acontecimentos sociais a partir das perspectivas particulares dos indivíduos, sujeitos que, na interação, os constituem e modificam. Schütze tinha como pressuposto que as experiências dos indivíduos estão inter cruzadas nos diferentes contextos situacionais nos quais estão inseridos, sendo, por isso, inexequível a elaboração de um instrumento de pesquisa padrão, passível de abarcar igualmente, a complexidade da realidade de cada um dos atores do contexto social investigado. A peculiaridade de possibilitar que entrevistado manifeste as estruturas processuais dos cursos de sua vida, segundo seus próprios critérios de relevância e ordenação atribui um cunho narrativo a esse tipo de entrevista, aspecto este, apensado à denominação dada por Schütze a esse instrumento: entrevista narrativa.

A característica principal da entrevista narrativa é a não interferência do pesquisador durante o relato do entrevistado. O papel do pesquisador é apresentar ao entrevistado uma questão gerativa não direcionada a respostas pontuais e que encoraje uma narração extemporânea, ou seja, improvisada, não previamente elaborada. Diferentemente dos outros modelos de entrevistas, o pesquisador não formula perguntas indexadas, com referências explícitas, e sim, propõe um tema acerca da realidade sob investigação para que o entrevistado o desenvolva da maneira como considerar conveniente, no momento de seu relato. Nesse relato, o narrador deixa marcas de suas experiências vividas, ou seja, estruturas processuais de seus cursos de vida. Segundo Weller e Otte (2014, p.338), o papel do pesquisador, no momento da interpretação é direcionar-se à essas marcas que “moldam [suas] biografias e que são relevantes para a compreensão das posições e papéis ocupados pelos indivíduos na estrutura social”.

No contexto brasileiro, a entrevista narrativa foi propagada principalmente pela publicação do artigo de Jovchelovitch e Bauer (2000), o qual, segundo Weller (2009), motivou pesquisas especialmente na área da Sociologia, Educação, Psicologia e Enfermagem. Na Linguística Aplicada (doravante LA), área na qual se insere este artigo, são escassos os estudos que, com foco na investigação de fenômenos sociais, tenham utilizado a entrevista narrativa no processo de construção e interpretação de dados, fato que justifica a relevância acadêmica para sua apresentação neste trabalho, conforme exposto a seguir.

2. A entrevista narrativa como instrumento para a construção de dados em investigações na Linguística Aplicada

A LA tem como prerrogativa construir conhecimentos que dizem respeito às práticas discursivas produzidas na sociedade, na busca de solução para seus problemas (MOITA LOPES, 2006). Sob tal perspectiva, ao tomar como objeto de estudo aspectos do mundo social, a LA pressupõe um comprometimento com a relevância social dos achados da pesquisa, o que demanda, entre outros aspectos, que os achados da investigação apresentem-se o mais próximo possível da verdade – aqui entendida como “uma relação de acordo entre a observação, descrição e interpretação, entre o observador e o participante, entre o relator e sua audiência” (VAN LIER, 1988, p.46). Tal verdade ou relação de acordo encontra respaldo nos procedimentos metodológicos da entrevista narrativa, cuja característica principal, conforme apontam Jovtchelovitch e Bauer (2000) é o não direcionamento ou interferência do pesquisador no relato do entrevistado, que constrói histórias priorizando o seu ponto de vista sobre experiências e acontecimentos concretizados em sua trajetória de vida e nos contextos sociais nos quais se insere e atua.

A não interferência do pesquisador, contudo, não o exime da participação dessa relação de acordo, uma vez que precisa buscar formas de compartilhar das concepções e do modo de pensar a realidade do entrevistado. Essa participação se dá pela habilidade do pesquisador em orquestrar a compreensão de si mesmo e do entrevistado, indivíduo com papéis sociais e científicos distintos, que precisa compreender e fazer-se compreendido na relação de acordo conjecturada na entrevista narrativa. Ainda, a participação do pesquisador se dá por sua sintonia com o ambiente no qual a entrevista se desenvolve. Tal sintonia favorece a construção de dados mais próximos da verdade da realidade investigada, a qual, conforme mencionado anteriormente, é aqui entendida como uma intrínseca relação de acordo entre o pesquisador, participantes e audiência.

A pertinência da entrevista narrativa em pesquisas na LA com foco em fenômenos sociais evidencia-se pela potencialidade desse instrumento em representar experiências e interpretações de indivíduos acerca da realidade na qual estão inseridos, no nível de complexidade em que elas se apresentam, sem cerceamentos ou constrangimentos. Assim, vai ao encontro dos pressupostos da LA de, em busca de compreender uma determinada realidade social, não mais aceitar submeter-se a aspectos homogêneos e de construir conhecimentos que constituam apenas instâncias mediadoras (RAJAGOPALAN, 2006) de colaboração e adequação acadêmica: há de se primar pela legitimidade de procedimentos de pesquisa os quais, *na e pela* linguagem, cheguem o mais próximo possível da realidade manifestada pelo entrevistado, indivíduo inserido na realidade social focalizada pela pesquisa e, portanto, capaz de (re)construir essa realidade, modificá-la, influenciá-la e sofrer influência de sua conformação na constituição de sua subjetividade, num movimento contínuo e recursivo que se perfaz na interação com os demais indivíduos e constitui o próprio acontecimento social investigado.

Estudar o mundo social – de modo a se alcançar a máxima aproximação possível entre aquilo que é planejado e a realidade do fenômeno estudado – pressupõe coerência entre os objetivos e os procedimentos metodológicos adotados na investigação. Tal coerência implica encontrar o melhor caminho pelo qual se possa construir dados que respondam aos objetivos da pesquisa e ao seu objeto, o que, nas pesquisas em Ciências Sociais, significa buscar compreender aspectos da realidade do mundo social. Nessa busca, o pesquisador, presumidamente, já possui um delineamento do objeto ao qual busca conhecer, nomeadamente ou não. O que ele procura, de fato, é a natureza mais profunda desse objeto, as variáveis e peculiaridades que incidem na conformação de seu todo.

Dessa forma, a importância dos procedimentos de construção de dados reside em sua eficiência ao construí-los e, posteriormente, ao interpretá-los, para que possam dar conta de representar esse objeto por conhecer, o qual irá, pois, constituir-se pela confirmação refinada do objeto presumido. Tal eficiência na construção e interpretação dos dados, sobre a qual recai o papel do pesquisador, pode ser subsidiada pela entrevista narrativa, foco deste artigo e apresentada a seguir.

2.1 Características da entrevista narrativa

A entrevista narrativa é um instrumento de construção e análise de dados narrativos desenvolvido por Fritz Schütze, na década de 70, enquanto trabalhava em sua dissertação *A linguagem de uma perspectiva sociológica*, publicada em 1975². Interessado por diferentes abordagens interpretativas nas Ciências Sociais, tais como o Interacionismo Simbólico, a Etnometodologia, a Etnografia da Comunicação e a Antropologia Cognitiva, e por pesquisas de fenômenos sociais de difícil investigação por meio de procedimentos metodológicos convencionais, Schütze desenvolveu a entrevista narrativa³, por acreditar que os procedimentos tradicionais de recolha de dados sociológicos não davam conta de abarcar a complexidade dos fenômenos sociais e, por conseguinte, não constituíam base fidedigna para uma teorização sociológica. Para Schütze, a compreensão da sociedade e dos fenômenos sociais demandam a compreensão dos indivíduos que nela se inserem, haja vista ser a sociedade constituída e modificada na interação com os indivíduos (MAINDOK, *apud* WELLER, 2009). Assim, uma investigação nesse contexto implica procedimentos de construção e interpretação de dados desenvolvidos

² Título original da dissertação: SCHÜTZE, F. *Sprache soziologisch gesehen* (München: Wilhelm Fink Verlag, 1975). [Band I: Strategien sprachbezogenen Denkens innerhalb und im Umkreis der Soziologie, Band II: Sprache als Indikator für egalitäre und nicht-egalitäre Sozialbeziehungen.].

³ A sistematização da técnica de entrevista narrativa como instrumento de coleta de dados foi apresentada por Schütze em 1977 em um manuscrito não publicado (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000) e posteriormente publicada em um artigo que traz os resultados de sua pesquisa sobre as experiências de um soldado alemão na guerra. Os trabalhos respectivamente são: SCHIÜTZE, F. *Die Technik des narrativen interviews in Interaktionsfeldstudien - dargestellt an einem Projekt zur Erforschung von kommunalen Machtstrukturen*. Unpublished manuscript, University of Bielefeld, Department of Sociology, 1977.

SCHIÜTZE, F. 'Pressure and guilt: war experiences of a young German soldier and their biographical implications', Parts 1 and 2, *International Sociology*, 7. p. 187-208, 347-67. 1992a.

com o objetivo de compreender as peculiaridades dos diversos posicionamentos individuais dos entrevistados, as variáveis pessoais que motivam suas ações de enfrentamento ou eventuais mudanças de vida. Segundo Schütze (1992b), mesmo os procedimentos qualitativos de recolha e análise de dados podem causar prejuízo na busca da compreensão dos fenômenos sociais. A esse respeito, o autor argumenta que as entrevistas convencionais, estruturadas ou semi-estruturadas, tendem a padronizar as respostas dos participantes⁴, uma vez que contém em seus enunciados, referências daquilo que o pesquisador deseja ouvir, o que, conseqüentemente, delimita as possibilidades de respostas. Além disso, a padronização das entrevistas pode levar o entrevistado a assumir um papel passivo, ao experimentar situações comunicativas muito diferentes daquelas vivenciadas em sua comunicação diária. Assim, buscando obter dados sobre as experiências dos entrevistados, passíveis de identificação das estruturas sociais que moldam essas experiências, Schütze propõe a narrativa improvisada, por não seguir o cerceamento e o direcionamento das narrativas e entrevistas estruturadas. De acordo com Schütze (1992b, p.8-9), por meio da

[...] narração [...] de certas fases e episódios da vida [...], o narrador exprime uma ordem e estrutura de identidade básica para a sua vida que é vivida e experienciada até o momento e que se expande em direção ao futuro que está por vir. A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir a, moldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E reconhecendo, através da narração [...] como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo equacionar a contínua construção e transformação de seus estados internos e sua importância para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento.

O modelo de entrevista narrativa delineado por Schütze, conforme mencionado anteriormente, tem como característica principal a exploração de relatos produzidos pelo entrevistado sem a interferência do entrevistador, o qual, depois de propor uma questão gerativa não direcionada a respostas pontuais, mas que encoraje uma narração livre, sem elaboração previa, só se manifesta de modo específico ao final da entrevista. Não são solicitadas explicações acerca das atitudes, expectativas, planos ou qualquer tipo de ação dos entrevistados, pois, o que se presume, é que, por meio de seu vocabulário cotidiano, suas experiências vividas sejam manifestadas segundo sua compreensão e o grau de importância que a elas atribui. A não interrupção do relato busca garantir que o enredo elaborado pelo entrevistado para atender à solicitação do entrevistador seja desenvolvido de forma espontânea, tal como ele considera pertinente para se fazer compreendido na situação de interação da entrevista. Segundo Schütze (1992b, 1992c), questões do tipo *por que* ou outras do modelo pergunta-resposta poderiam constranger ou evitar um sistema narrativo espontâneo. Assim embasado, Schütze propôs uma estrutura de cinco fases para a

⁴ Para caracterizar o entrevistado nas entrevistas narrativas, Schütze (1977; 1992a; 1992b; 1992c) utiliza a nomenclatura informante. Neste artigo, utilizo o vocábulo *participante* ou *entrevistado*, indistintamente como sinônimos, por considerar, com base em Caiafa (2007, p.137), que o vocábulo *informante* “ao mesmo tempo que traz uma ressonância policial, dá a entender que [os dados coletados constituem] apenas informação” (CAIAFA, 2007, p.137).

realização da entrevista narrativa: preparação, iniciação, narração central, fase de perguntas, fala conclusiva.

A entrevista narrativa desenvolvida por Schütze constituiu um manuscrito⁵ que, não foi publicado, mas se difundiu durante a década de 80, na Alemanha. No Brasil, Jovchelovitch e Bauer (2000), principais propagadores e encorajadores desse instrumento⁶, afirmam que as experiências positivas em seus trabalhos os levaram a incentivar e a recomendar a entrevista narrativa, disponibilizando sua sistematização. Esses autores advogam que

[...] contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000, p.91).

2.2 A construção dos dados na entrevista narrativa

À luz do pensamento de Schütze (1992a; 1992b), (Jovchelovitch e Bauer, 2000) dispõem a seguinte estrutura para o desenvolvimento da entrevista narrativa:

Quadro 1 – Fases da entrevista narrativa

FASES	REGRAS
Preparação	Explorar o campo Formular perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa)
Iniciação	Formular o tópico inicial da narração Empregar auxílios visuais quando necessário
Narração Central	Não interromper Motivar o prosseguimento da narração somente com encorajamentos não verbais
Fase de questionamentos	Usar somente expressões como “Que aconteceu, então?” Não opinar ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo “Por quê?”, Avançar de perguntas exmanentes (emergem dos objetivos da pesquisa) para perguntas imanentes (emergem do relato do entrevistado).
Fala conclusiva	Facultar perguntas do tipo “Por quê?”, como porta de entrada para a análise subsequente Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Fonte: Elaborado pela autora com base em Jovchelovitch e Bauer (2000, p.62).

⁵ O manuscrito, examinado e mencionado na tese de doutoramento de Meincke (2007), permanece sem ser publicado e encontra-se disponível na biblioteca da *University of Bielefeld*, na Alemanha. (MEINCKE, S. M. K. 2007. *A construção da paternidade na família do pai adolescente: contribuição para o cuidado de enfermagem*. Tese (Doutorado em Enfermagem - Filosofia, Saúde e Sociedade). 275f. Florianópolis, SC: UFSC/PEN.

⁶ Jovchelovitch utilizou a entrevista narrativa para investigar as representações da vida pública no Brasil; Bauer teve como objetivo reconstruir a perspectiva dos participantes em um contexto cooperativo, durante um projeto de desenvolvimento de um software controverso.

A fase de preparação acontece antes do encontro presencial entre o pesquisador e o entrevistado, ou seja, antes da entrevista propriamente dita. Essa fase é dedicada à exploração do campo pesquisado e às lacunas a serem preenchidas durante a entrevista. O propósito dessa fase é subsidiar as entrevistas e auxiliar o pesquisador na elaboração das perguntas exmanentes. As questões exmanentes são as perguntas de pesquisa que o investigador elabora, com base nos objetivos da investigação. Contudo, dada a natureza da entrevista narrativa, de não direcionar as respostas dos participantes, tais questões não devem ser explicitadas no momento da entrevista. Elas devem refletir as intenções do investigador e antever as questões prováveis de emergir durante a entrevista no relato do entrevistado, as questões imanentes. Em outras palavras, o trabalho do pesquisador será utilizar a própria fala do entrevistado como base para as elaborações das perguntas de pesquisa. O ponto crucial da tarefa do pesquisador será, no momento da análise, traduzir questões exmanentes em questões imanentes, ancorando as primeiras na narração e fazendo uso exclusivamente da linguagem do entrevistado (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000, p.63).

As questões exmanentes embasam a fase de iniciação, a qual se dedica à formulação do tópico inicial para a narração. O tópico inicial deve fazer parte da experiência do entrevistado, ser suficientemente amplo e não conter formulações indexadas, tais como datas, locais, nomes etc. Espera-se que essas informações específicas sejam manifestadas pelo entrevistado durante seu relato, mas, caso isso não ocorra, o entrevistador não deve questioná-lo. A leitura, pelo entrevistador, do tópico inicial elaborado nesta fase, juntamente com o início da gravação em áudio, marcam o início da fase de narração central. Na fase de iniciação, além da proposição do tópico inicial, também é permitido o emprego de auxílios visuais para a realização da entrevista. Tais auxílios, a depender do objetivo da pesquisa e, conseqüentemente, do que é esperado pelo pesquisador trazer à tona – as questões imanentes –, podem configurar-se como linhas de tempo, gravuras, gráfico de palavras, dentre outros. Os auxílios visuais podem fazer parte da questão inicial, sendo mencionados pelo pesquisador, ou estrategicamente colocados ao alcance visual do entrevistado. Nesse segundo caso, o pesquisador precisa elaborar uma justificativa para tal uso, para que, se eventualmente questionado pelo entrevistado, possa responder sem infundir parâmetros às suas respostas. É fundamental que o auxílio visual utilizado constitua uma ferramenta adjutória ao entrevistado na composição de sua narrativa, que a utilizará (ou não) segundo seu arbítrio. Apesar de contar com um tempo cronológico pressuposto, é premissa da entrevista narrativa não direcionar ou cercear o relato do entrevistado. Por isso, o auxílio visual deve ser elaborado com base em um plano aleatório, sem indicação de início, meio e fim, possibilitando ao entrevistado construir seu discurso segundo seus próprios critérios.

A fase posterior à de iniciação é a da narração central. Essa instância não prevê interrupções por parte do entrevistador e o encorajamento se dá apenas de forma não verbal. O pesquisador atem-se às questões imanentes do discurso do entrevistado, isto é, aos temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração por ele desenvolvida. Considerando que um vínculo de reciprocidade favorece o entrevistado a discorrer mais livremente durante seu relato, o contato visual prolongado é recomendado

nessa etapa de escuta atenta. Nenhuma intervenção direta deve ser feita até a finalização do relato do entrevistado (coda)⁷, garantindo que este possa guiar-se por suas próprias lembranças e utilizar seu meio particular de reproduzir e sequenciar a sedimentação de suas experiências e ações (SCHÜTZE 1992b). Eventuais dúvidas ou especificidades acerca das informações relatadas pelo entrevistado são anotadas pelo pesquisador, para consultas e utilização durante a fase seguinte, a de questionamentos.

Na fase de questionamento, as questões exmanentes (que emergem dos objetivos da pesquisa) são traduzidas em questões imanentes (que emergem do relato do entrevistado). O entrevistador, fixando-se na relevância, de acordo com a perspectiva do narrador, elabora, de forma seletiva e fazendo uso exclusivamente da linguagem de seu entrevistado, questões que possam ir ao encontro de seus propósitos de pesquisa. Para tanto, orienta-se por três regras, conforme apontam Jovchelovtch e Bauer (2000, p.64).

- não fazer perguntas do tipo “por quê?”, mas sim, questões que se refiram aos eventos narrados como: “O que aconteceu antes/depois/então?”. Perguntas sobre opiniões, atitudes ou causas também devem ser evitadas, pois podem levar o entrevistado a justificar-se ou racionalizar sobre o assunto de que trata;
- perguntar apenas questões imanentes, utilizando a linguagem do próprio entrevistado. O pesquisador faz perguntas que são, ao mesmo tempo, concernentes a potenciais narrativos do relato do entrevistado e aos tópicos do projeto de pesquisa. O objetivo das perguntas é “gerar um material novo e adicional além do esquema autogerador da história” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000, p.64). Alguns exemplos: “Não entendi o que quis dizer quando se refere a...”; “Você menciona que sentiu/experimentou...acredita em.../tem planos de... Fale-me mais sobre isso.”; “Gostaria de saber mais sobre como foi esse episódio que você me contou”;
- não apontar eventuais contradições no relato do entrevistado, evitando um clima de investigação detalhada.

Na última fase, denominada fala conclusiva, o entrevistador desliga o gravador e faz uso de notas de campo para registrar as informações que considerar relevantes e sintetizar os tópicos subjacentes à conversa informal. São permitidas perguntas do tipo “por que?” que, nesse momento de conversa informal, têm como objetivo elucidar informações e favorecer, ao entrevistador, a avaliação do nível de (des)confiança percebido no entrevistado durante a narrativa de sua própria teoria (*eigentheory*) (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000).

Weller (2009, p.4), mencionando Maindock (1996), afirma que a entrevista narrativa se desenvolve orientada sob a premissa de que a investigação de aspectos da realidade social “não pode prescindir da perspectiva dos indivíduos que vivem em sociedade”, atores de construção e modificação social. Nessa perspectiva, é possível afirmar, com base em Moita Lopes (1994), que a narração construída

⁷ *Coda*: Algo que se encerra, separando de suas partes anteriores e/ou posteriores, completando alguma outra coisa. No caso da entrevista narrativa, estruturada em etapas, o *coda* marca o término da fase de narração central, que é precedida pelas fases de preparação e iniciação, e é anterior às fases de questionamentos e fala conclusiva.

pelos entrevistados traz significados que não são resultados de intenções individuais, mas de inteligibilidade interindividual, ou seja, significados construídos socialmente.

2.3 A interpretação dos dados na entrevista narrativa

A entrevista narrativa é um procedimento de construção de dados que busca compreender as experiências do indivíduo, inseridas em uma realidade social determinada. Assim, privilegia a introspecção do entrevistado que, pela linguagem, atribui significado às suas experiências, por meio de narrativas construídas segundo seus próprios critérios de utilização e relevância.

Para a interpretação das experiências verbalizadas pelos indivíduos durante as entrevistas narrativas, Schütze (1983/2010) propõe seis procedimentos de análise: (i) transcrição detalhada do material verbal; (ii) separação do material transcrito em texto indexado (com referências concretas para *quem fez o quê, quando, onde e por quê*) e não indexado (descrições de como os eventos são experienciados e sentidos e dos valores e opiniões inerentes ao entrevistado atribuídas aos eventos; argumentações acerca de aspectos que o entrevistado busca legitimar em seu discurso e reflexões acerca dos eventos experienciados); (iii) ordenação dos eventos com base no material indexado: as *trajetórias* das experiências expressas pelos entrevistados que moldam as suas respectivas narrativas; (iv) análise do conhecimento com base no material não indexado: as teorias e as reflexões desenvolvidas pelo entrevistado, as quais representam sua auto-compreensão acerca dos eventos experienciados; (v) agrupamento e contraste entre trajetórias individuais: a elaboração de categorias empregadas nos discursos dos participantes e o confronto entre elas, com o objetivo de destacar elementos constitutivos das experiências dos indivíduos e embasar o procedimento posterior; (vi) elaboração de modelos processuais sobre as experiências dos indivíduos.

Jovchelovitch e Bauer (2000), os quais, conforme anteriormente mencionado, foram os maiores incentivadores e propagadores da entrevista narrativa no Brasil, afirmam ser a interpretação das histórias geradas pela entrevista narrativa, um processo aberto no qual o pesquisador pode valer-se de inúmeros procedimentos analíticos. Embora mencionem em seu estudo os seis procedimentos acima descritos, propostos por Schütze (1983/2010), esses autores apresentam somente três etapas para a análise das entrevistas narrativas: (i) transcrição; (ii) análise temática; e (iii) análise estrutural.

A etapa de transcrição das entrevistas, segundo Jovchelovitch e Bauer (2000), é um processo que, apesar de monótono, é útil para uma compreensão geral do material a ser analisado, além de favorecer a fluidez das ideias que incidirão na interpretação do texto. Por isso, esses autores recomendam que o pesquisador, mesmo que delegue a terceiros essa tarefa, assegure-se da qualidade e da exatidão das transcrições e faça, ele mesmo, parte desse trabalho.

A etapa de análise temática desenvolve-se a partir da construção de um referencial de codificação. Os textos transcritos são individualmente reduzidos a etapas de séries de paráfrases. A redução do texto,

que opera com generalizações e condensações de sentido, estrutura-se em três colunas: a primeira coluna apresenta a transcrição; a segunda coluna apresenta a primeira redução, na qual passagens inteiras ou parágrafos são parafraseados em sentenças sintáticas; a terceira apresenta as palavras-chave reduzidas dessas sentenças sintáticas. Então, desenvolve-se um sistema de categorias por meio das quais cada texto transcrito possa ser eventualmente codificado, se necessário. Uma vez codificados, os dados podem atender aos fins quantitativos ou qualitativos da pesquisa. Para Jovchelovitch e Bauer (2000), o produto final dessa interpretação, expresso por estruturas de relevância do entrevistado e do pesquisador, é uma reminiscência da hermenêutica, pois se perfaz na fusão dos horizontes de ambos.

A etapa de análise estruturalista concentra-se nos elementos formais da narrativa e opera por meio de um sistema combinatório que inclui duas dimensões: paradigmática e sintagmática. A dimensão paradigmática é formada pelo repertório de histórias possíveis, do qual, qualquer história é uma seleção. Todos os possíveis elementos que aparecem na história são ordenados: eventos, protagonistas, pessoas participantes, situações, inícios, finais, crises e conclusões morais. A dimensão sintagmática refere-se às modalidades específicas dos elementos de narrativa. Esses elementos são organizados em sequências passíveis de comparação entre as narrativas e relacionadas com variáveis do contexto.

Quanto à análise da entrevista narrativa, Jovchelovitch e Bauer (2000) afirmam, ainda, que esta sempre envolve o exame de aspectos cronológicos e não-cronológicos da história. A análise dos aspectos cronológicos permite interpretar como o tempo é usado pelos entrevistados. A análise dos aspectos não-cronológicos permite interpretar as razões e explicações que subjazem aos acontecimentos. Assim, o pesquisador, para compreender a história do entrevistado na profundidade da rede de relações e significados que esta se constitui, precisa identificar o enredo na análise das narrativas, com os critérios envolvidos nas seleções feitas ao longo da narrativa, com os valores e julgamentos ligados à narração e a todas as operações da trama que dão à narrativa a estrutura de um todo.

Weller (2009), referindo-se aos três procedimentos de análise para entrevistas narrativas propostos Jovchelovitch e Bauer (2000, p.5), afirma que

[...] as informações sobre as especificidades da entrevista narrativa [foram] apresentadas de forma bastante resumida, produzindo algumas dúvidas e dificuldades, sobretudo no momento da análise dos dados: Jovchelovitch e Bauer [...] optaram por apresentar três procedimentos distintos de análise, resumindo a “proposta de Schütze” em alguns parágrafos. (grifo da autora)

Assim, afirma Weller (2009, p.5), “com o intuito de fornecer maiores informações” apresenta, com base em Schütze (1983/2010), seis passos para interpretação dos dados construídos por meio da entrevista narrativa. Esses passos, que subsequenciam-se após a transcrição detalhada do material verbal gerado nas entrevistas são: (i) análise formal do texto; (ii) descrição estrutural do conteúdo, (iii) abstração analítica; (iv) análise do conhecimento; (v) comparação contrastiva; (vi) construção de um modelo teórico.

A transcrição das entrevistas, a depender do objetivo da investigação, pode envolver conteúdos linguísticos e paralinguísticos, como a modalidade da voz, reticências, risos, dentre outros. Após a

transcrição detalhada, o primeiro passo no processo de análise da entrevista narrativa, segundo Schütze (1983/2010), é a análise formal do texto. Weller (2009) aponta que, nessa etapa, o objetivo do pesquisador é construir um quadro referencial a partir do qual as ações constitutivas do fenômeno investigado possam ser identificadas. Assim, o pesquisador deve identificar os diferentes esquemas comunicativos (narração, descrição e argumentação), mas primar somente pelo texto narrativo, eliminando elementos não narrativos como explicações ou argumentações manifestadas pelo entrevistado durante a narração, e identificando os elementos marcadores de finalização e inicialização dos tópicos narrados.

O segundo passo, a descrição estrutural do conteúdo, consiste em uma análise minuciosa de cada segmento das narrativas para identificação de estruturas processuais no curso de vida do entrevistado. O objetivo dessa etapa é examinar, além do que foi narrado, a forma pela qual a narrativa foi construída, destacando-se as diferentes estruturas processuais no curso do fenômeno investigado: “determinadas etapas da vida arraigadas institucionalmente; situações culminantes; entrelaçamento de eventos sofridos; pontos dramáticos de transformação ou mudanças graduais; assim como desenvolvimentos de ações biográficas planejadas e realizadas” (SCHÜTZE, 1983/2010, p.213-14). Para tanto, o pesquisador deve separar o material indexado (referências concretas de *quem fez o quê, quando, onde e por que*) e o material não indexado (as descrições generalizadas que expressam como os eventos foram sentidos e experienciados e como os valores e opiniões foram atrelados a tais eventos; e as argumentações que expressam representações, sentimentos, valores, cultura etc., cuja função é legitimar aspectos que o entrevistado não considera, pois os pressupõe como naturais, normais ou óbvios aos olhos de sua audiência. Nessa etapa, após a leitura dos textos, o pesquisador pode elaborar comentários livres como base para a formulação de ideias e hipóteses e como suporte para a identificação de temas principais e secundários, além de fazer primeiras abstrações, controlar preconceitos etc. Em seguida, o pesquisador conduz uma “microanálise do texto com a delimitação das unidades narrativas uma a uma e a identificação de seus temas ou mensagens principais” (GERMANO, 2004, p.3).

O terceiro passo proposto por Schütze (1983/2010, p.214) para a análise das entrevistas narrativas é a abstração analítica. Nessa etapa, os diferentes eventos ou trajetórias expressas pelo entrevistado são colocados “em relação sistemática umas com as outras” de modo a reconstruir “a biografia como um todo [...] desde a sequência biográfica das estruturas processuais que dominaram a experiência em cada ciclo da vida até a estrutura processual dominante na atualidade”.

A análise do conhecimento é o quarto passo no processo de análise da entrevista narrativa. Nessa etapa, o foco do pesquisador recai sobre os componentes não-indexados do texto, ou seja, os aportes teóricos argumentativos ou explicativos expressos pelos entrevistados, tais como opiniões, conceitos, teorias gerais e reflexões. Tais aportes são resultado da análise ou avaliação que o entrevistado faz sobre si mesmo e sobre os acontecimentos e experiências presentes no curso de sua vida, representando sua autocompreensão sobre sua história, sua identidade e suas teorias. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2000), essa etapa tem como objetivo comparar essas teorias, expressas pelos indivíduos acerca de como e por

que os fatos acontecem, e a relação entre situações e acontecimentos e sua legitimidade aos elementos da narrativa de vida, buscando identificar um modelo de auto-compreensão do indivíduo entrevistado.

O quinto passo, denominado comparação contrastiva, abarca o agrupamento e o contraste entre as trajetórias individuais dos entrevistados, com o objetivo de buscar semelhanças passíveis de identificar categorias eventualmente expressas nas etapas anteriores da análise. Nessa etapa, os critérios de seleção dos textos devem atender aos objetivos da pesquisa, podendo ser situações concretas ou fenômenos relativamente abstratos (SCHÜTZE, 1983/2010). A tarefa do pesquisador é agrupar trajetórias individuais e focalizá-las como um caso, buscando circunstâncias correlatas que permitam a análise das “condições estruturais que estão por detrás da particularidade do caso” (WELLER, 2009, p.9). Tal tarefa, denominada por Schütze (1983/2010) de estratégia de comparação mínima e que permite a identificação das categorias teóricas empregadas nos discursos dos entrevistados, é seguida pela estratégia de comparação máxima. Nessa, as entrevistas focalizadas na pesquisa são contrastadas com uma ou mais entrevistas realizadas em um contexto distinto. A contraposição das categorias teóricas utilizadas nos diferentes contextos permite que, eventualmente, se destaquem estruturas processuais alternativas à particularidade do caso em questão.

O sexto passo no processo de análise das entrevistas narrativas é a elaboração de um modelo teórico. Tal modelo resulta da exaustiva comparação das trajetórias individuais de pessoas de um determinado contexto, a partir das quais são estabelecidas semelhanças que permitem o reconhecimento das trajetórias coletivas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2000). Isso porque, segundo Schütze (1983/2010), a elaboração de modelos teóricos pressupõe a existência de formas elementares nas estruturas processuais dos cursos de vida individuais, passíveis de serem encontrados em muitas histórias de vida. Pressupõe, ainda, a existência de arranjos sistemáticos dessas estruturas processuais, que permitem, ao final da análise teórica, a identificação

[... de] modelos processuais de tipos específicos de cursos de vida, de suas fases, de suas condições e domínios de problemas, ou ainda modelos processuais de fases elementares específicas; módulos gerais de cursos de vida ou das condições constitutivas e da estrutura da formação biográfica como um todo (SCHÜTZE, 1983/2010, p.215).

A análise de narrativas, segundo a proposta de Schütze (1983/2010), acessa com profundidade o relato da experiência vivida por meio da fala livre do entrevistado, com o objetivo de elaborar modelos teóricos sobre a trajetória de vida de indivíduos inseridos em contextos sociais específicos. Tais modelos se perfazem por meio dos diferentes passos de análise acima descritos, inteirando-se nos exaustivos procedimentos de exame, verificação, comparação, contraste, correlação dos dados.

Conforme anteriormente mencionado neste artigo, são escassos os trabalhos em LA que utilizam a entrevista narrativa como instrumento de construção e interpretação de dados. Nos trabalhos encontrados, a análise desenvolvida foi por categorização, em temas ou unidades significativas. Esse tipo de análise, embora não siga os mesmos passos propostos por Schütze ou Jovtchelovtch, estão baseados na proposta dos referidos autores e em consonância com o que afirma Jovchelovitch e Bauer (2000), sobre

ser a análise das entrevistas narrativas, um processo aberto no qual o pesquisador pode valer-se do procedimento analítico que melhor lhe convier.

Considerações Finais

A entrevista narrativa é um procedimento de construção de dados de pesquisa sociológica, cujo objetivo é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes (SCHÜTZE, 1983/2010). Os dados construídos são textos que reproduzem, além da trajetória externa dos fatos, as reações internas do indivíduo que os experienciam. Esses textos, que apresentam “o processo social de desenvolvimento e mudança de uma identidade biográfica, sem intervenções ou supressões decorrentes da abordagem metodológica ou dos pressupostos teóricos do pesquisador” (SCHÜTZE 1983/2010, p.213), podem proporcionar um material de substancial importância para os propósitos investigativos da pesquisa em LA, que é fazer uma ciência “responsiva à vida social” (MOITA LOPES, 2006), não enclausurada em uma “torre de marfim”, sem qualquer diálogo com o que ocorre no mundo real (RAJAGOPALAN, 2006).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento de pesquisas na LA demandam instrumentos de construção de dados que minimamente restrinjam as manifestações dos participantes, para que se possa chegar o mais próximo possível da realidade pesquisada, considerando, contudo, inexequível a apreensão absoluta, causal ou axiomática da realidade. A entrevista narrativa cumpre esse papel, pois, ao oportunizar a manifestação arbitrária do entrevistado, favorece a emergência não apenas de eventos externos à sua vida, mas também eventos internos de sua experiência, como enfrentamentos, decisões, reações e transformações que continuamente constroem e reconstroem sua história pessoal, nos diferentes contextos em que se integra. Tais eventos inteiram o significado das experiências vividas dos participantes e estas, perfazem, por meio da linguagem, na interação com outros sujeitos, a realidade social, contexto sobre o qual repousa o interesse da LA. Ao delimitar seu objeto de estudo, interessa à LA compreender questões de linguagem relacionadas às práticas sociais dos indivíduos, as diferentes lógicas que nelas se operam, e a entrevista narrativa mostra-se como um instrumento potencial para a apreensão dessas práticas, em profundidade.

Referências bibliográficas

- CAIAFA, J. 2007. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: FGV.
- GERMANO, I. M. P. 2004. *Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em Psicologia Social*. Arquivos Brasileiros de Psicologia. 60 (03).
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. 2000. *Narrative interviewing*. In: BAUER, M.; GASKELL, B. (Eds.). *Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook*. p. 57-74. London, England: Sage Publications.
- MAINDOK, H. *Professionelle Interviewführung in der Sozialforschung*. Pfaffenweiler: Centaurus, 1996.
- In: WELLER, W. 2009. *Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze*. In: ANAIS da 32ª Reunião da Anped, 2009, Caxambu. p. 11-16.

- MOITA LOPES, L. P. 1994. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a Linguagem como Condição e Solução. In: D.E.L.T.A., v. 10 n. 2: 329-338.
- _____. (Org.). 2006. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial.
- RAJAGOPALAN, K. 2006. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). 2006. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial. p. 149-167.
- SCHÜTZE, F. 1992a. Pressure and guilt: war experiences of a young German soldier and their biographical implications', Parts 1 and 2, *International Sociology*, 7. p. 187-208, 347-67.
- _____. 1992b. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: how to analyse autobiographical narrative interviews – part 1. Disponível online em: <http://www.uni-magdeburg.de/zsm/projekt/biographical/1/B2.1.pdf> Acesso em: 06 jul. 2017.
- _____. 1992c. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: how to analyse autobiographical narrative interviews – part 2. Disponível em: <http://www.uni-magdeburg.de/zsm/projekt/biographical/1/B2.2.pdf> Acesso em: 06 jul. 2017.
- _____. 2010. Pesquisa Biográfica e entrevista narrativa. Metodologias de pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática. Petrópolis: Vozes. [Publicado originalmente em: *Neue Praxis*, 1, 1983, p. 283-293. Tradução de Denilson Werle. Revisão de Wivian Weller].
- VAN LIER, L. The classroom and the language learner: ethnography and the second language classroom research. London: Longman, 1988.
- WELLER, W. 2009. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. In: ANAIS da 32ª Reunião da Anped, 2009, Caxambu. p. 11-16.
- WELLER, W; OTTE, J. 2014. Análise de narrativas segundo o método documentário. Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. *Civitas*, Porto Alegre, v. 1.

Neiva Cristina da Silva Rego Ravagnoli - PhD in Applied Linguistics and Languages Studies. Member of the Hermeneutic-Phenomenological and Complexity Approach research group at Catholic University of São Paulo – PUC-SP. E-mail: nravagnoli@gmail.com